

*Poesia afro-brasileira – vertentes e feições**

Maria Nazareth Soares Fonseca | PUC Minas

Resumo: O texto analisa vozes dissonantes da literatura afro-brasileira, considerando estratégias de elaboração do texto e modulações temáticas.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira, Vozes dissonantes, Estratégias de construção textual.

As expressões “literatura negra” e literatura “afro-brasileira” são empregadas para nomear alguns tipos de produções artístico-literárias que podem estar relacionadas tanto com a cor da pele de quem as produz, quanto com o fato de nelas serem trabalhadas, com maior intensidade, questões que dizem respeito à presença de tradições africanas disseminadas na cultura brasileira. As alterações que as tradições africanas sofreram no Brasil, estão presentes na capoeira, no candomblé, na macumba, no congado e em outros rituais preservados pelo povo. A literatura também assume essas tradições assumindo-as, particularmente, como estratégias de reinvenção e modulação de forças que se exibem em diferentes na cena do texto ou na linguagem que o produz.

*. Este texto, em versão modificada, faz parte de capítulo do livro Literatura afro-brasileira, organizado por Florentina Souza e Maria Nazaré. O livro, publicado inicialmente pela Fundação Palmares, pode ser acessado no *site* da Fundação.

Pode-se dizer que, grosso modo, existem, no âmbito da literatura duas grandes vertentes que se afirmam em decorrência do modo como se ligam à temática negra ou afro-brasileira. Uma vertente procura interferir na dinâmica social, mostrando-se como enfrentamento ao preconceito contra os afro-descendentes e como denúncia à exclusão em que vive grande parte deles no Brasil. Essa vertente indica uma feição literária que, direta ou indiretamente, relaciona o texto com as idéias políticas de quem o produz. Nela está registrada a intenção do produtor do texto de assumir-se negro e de saber-se pertencente “a um grupo étnico cujos membros sobreviveram à exploração escravagista”.¹

Uma outra vertente, ainda que não deixe de referir-se ao preconceito e à exclusão sofrida pelos afro-descendentes, empenha-se por reconstituir, no espaço da literatura, as motivações próprias dos ambientes habitados pelas misturas típicas da cultura popular. Nesses textos, as vozes poéticas ou narrativas podem assumir diferentes tons e as transmutações próprias ao acolhimento que a escrita dá à palavra falada, aos ritmos do corpo e aos pequenos gestos que configuram o dia-a-dia da gente simples. Essa vertente também assume as tradições herdadas dos escravos e as traz para os textos procurando não apagar as pulsações características do universo em que continuam cultivadas ainda que alteradas pelo diálogo constante que realizam com outras expressões culturais. Nessa vertente, mais que denunciar a discriminação e as agruras vividas pelos afro-descendentes, intenta-se que as vozes silenciadas e as expressões culturais do povo – e por isso mesmo da grande parcela da população afro-descendente – alcancem o espaço da letra, do texto literário enfim.

A discussão de aspectos da obra de escritores que, na época atual, elegem como tema de seus livros aspectos relacionados com as heranças africanas, percebendo-as num jogo intenso com outras tradições informa sobre tensões presentes em textos que, assumem a escrita, mas não pretendem silenciar a profusão de vozes que os invade, advindas dos estratos de predominância oral. Nesse sentido, a análise de algumas antologias literárias, construídas com o propósito de destacar a produção poética de escritores afro-descendentes brasileiros pode se mostrar como um caminho bastante eficaz para a investigação de textos literários que ainda circulam pouco nos meios acadêmicos e nos programas de literatura adotados pelas escolas.

1. PEREIRA; WHITE, 2001, p. 259.

Três antologias selecionadas, publicadas em décadas diferentes do século XX servem ao intuito que aqui se privilegia. A antologia AXÉ, antologia contemporânea de poesia negra brasileira foi organizada pelo poeta Paulo Colina e publicada, em São Paulo, em 1982. Constam dessa antologia poemas de escritores considerados representantes significativos de algumas partes do Brasil. Adão Ventura (falecido em 2004) representou o estado de Minas Gerais, Arnaldo Xavier (também falecido em 2004), a Paraíba. O poeta Oliveira Martins representa a poesia negra do Rio Grande do Sul e os poetas Éle Semog, José Carlos Limeira a do Rio de Janeiro. São Paulo tem na antologia a maior representação: Abelardo Rodrigues, Luiz Silva, (Cuti), Geni Mariano Guimarães, José Alberto, Maria da Paixão, Mirian Alves, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina e Ruth Souza.

No prefácio da antologia, o escritor Joel Rufino descarta a validade da classificação dos poetas selecionados como “poetas negros” ou de os textos produzidos por eles serem classificados como “literatura negra”. Diz Rufino: “Os autores aqui reunidos escrevem em brasileiro, como Drummond, como Dalton Trevisan, como Nelson Cavaquinho – **como poderiam fazer poesia negra se, no meu entender, poesia é arte da palavra?**”² O prefaciador cita dois trechos de poemas escritos por Oswaldo de Camargo, José Alberto e Paulo Colina em que não aparece, de forma incisiva, referência à cor da pele nem a elementos que poderiam indicar uma preocupação maior da poesia desses poetas com questões dos segmentos sociais em que há maior presença de negros e mestiços. Todavia em determinado momento, o prefaciador não pode deixar de reconhecer que muitos dos poemas selecionados especificam questões próprias da luta desenvolvida pelos negros em defesa de seus direitos. Não é por acaso que, afirmando que “esses negros falam pelos negros”, o prefaciador os compara a James Baldwin, mais conhecido por sua participação na luta dos negros americanos pelos seus direitos civis. O prefácio retoma as palavras de Baldwin quando afirmou que escrevia porque não tinha forças nos punhos para ser boxeur. Vê-se logo que o escritor Joel Rufino, no prefácio que faz para a antologia organizada por Paulo Colina, percebe que muitos dos escritores da coletânea pretendem que seus poemas expressem a mesma força dos punhos de um lutador e que, por isso, incentivem a queda dos obstáculos que se põem à sua frente. A referência à força que as palavras podem assumir na luta contra o preconceito, inspira-se em James Baldwin mas também em sentidos produzidos pelos poemas do poeta Adão Ventura que abrem a antologia.

2. O negrito está no texto original (n.a.).

Nos versos de Adão Ventura, escritor mineiro, mais conhecido pela crítica literária em decorrência de seus poemas em que expressa a dor de ser negro numa sociedade que o hostiliza, a cor da pele é vista com um sentido oposto ao dado à força dos punhos do lutador, mas, de alguma forma retoma os sentidos que estão na imagem usada por Rufino para dizer da força que a palavra assume na poesia dos escritores da antologia. Os versos de Adão Ventura expõem a visão do sujeito poético sobre a circulação de signos que, num sistema de opressão, são marcadores da visão preconceituosa da sociedade:

para um negro
a cor da pele
é uma sombra
muitas vezes mais forte
que um soco. (“Para um negro”, p. 15)

A mesma visão da cor de pele como uma espécie de prisão está construída em versos do poema “Negro forro” (p. 15) do mesmo poeta:

minha carta de alforria
costurou meus passos
aos corredores da noite
de minha pele.

E, se prestarmos atenção aos versos do poema “Faça sol ou faça tempestade”, citado em vários textos da crítica sobre a produção deste importante poeta mineiro, podemos observar que a imagem de prisão também se constrói na relação com a cor da pele, associada a outros termos e expressões, como “muros altos” e “currais”:

faça sol ou faça tempestade,
meu corpo é fechado por esta pele negra.

faça sol ou faça tempestade
Meu corpo é cercado
Por estes muros altos,
– currais
onde ainda se coagula
o sangue dos escravos. (p. 16).

Nos versos do poeta mineiro, sofridos e dolorosos, as imagens de cerceamento e prisão dizem da visão de quem sofre as interdições propiciadas pela cor da pele, vista como um estigma.

Em versos de outros poetas da antologia, a questão da exclusão do negro aparece também associada à escravidão. As correntes que aprisionaram o africano para fazer dele escravo expressam, de forma metafórica, as muitas armadilhas que a sociedade brasileira prepara para cercear a liberdade daqueles que, como dizem os versos de Adão Ventura, estão marcados pelo “ferro em brasa” da exclusão emblematizada pela cor da pele.

Observe o que dizem os versos do poeta Éle Semog, do Rio de Janeiro, associam cenários típicos da época da escravidão – os dos quilombos – colocando-os, em contraposição, aos das prisões:

Tudo que sei de liberdade
É continuar escapando
Da penitenciária
Pois não existem quilombos
Para me guardar. (Às minhas custas, p. 39).

Essa mesma associação entre épocas diversas marcadas pela violência de costumes aparece no poema do paulista Abelardo Rodrigues, quando se alude às armadilhas que podem estar armadas quando menos se espera:

Por isso, quando as águas
caírem medidas
cuida-te
em teu guarda-chuva de lanhos
A enxurrada
pode ser um rio
negreiro. (“Refazendo”, p. 50).

Uma escrita que explora a força da palavra para desconstruir lugares e valores estabelecidos pela sociedade é a que nos apresenta o poema “CHIIIIIIII”, do poeta paulista Cuti, quando aproveita os vários sentidos que a expressão “chiii”: espanto, admiração, além de expressar, pelo recurso da onomatopéia, som emitido pela panela de pressão, enquanto cozinha o alimento. A intenção de resistência está construída no poema na aproximação das palavras “povo” e “polvo” e na indicação de um modelo de sociedade – a metaforizada na palavra “casa grande”, deslocada para os dias atuais:

Na panela de pressão que chia
Na cozinha da casa grande
De hoje
Ferve um povo
Há tempos
A se transformar polvo
Pra derrubar vivo
Ou morto
O banquete das opulências. (p. 60)

Paulo Colina, o organizador da antologia, no poema “Pequena balada insurgente” (p. 88), procura mostrar a situação de penúria vivida pela maioria da população de afro-descendentes no país. A intenção de denúncia a essa exclusão fica clara no poema, particularmente quando aproxima as palavras “senzala”, “favela” e “sarjeta”, distendendo seus significados com os sentidos construídos pela palavra “alegoria”:

Não há rancor nem ódio:
há apenas esse clamor surdo
que rebenta em meu coração
ante nossas mãos tão inúteis
que sustentam essa alegoria
crua
de senzala favela e sarjeta.

A antologia, em sua seleção de poetas e poemas, procura delinear um panorama da chamada “poesia negra” que, na época da publicação da coletânea, declarava-se engajada na luta contra o preconceito racial que, dissimuladamente, persiste na sociedade brasileira. Os poemas da antologia intentam, por isso, denunciar a da situação vivida pela população mais pobre, de cor predominantemente negra ou mulata.

Considere-se que essa intenção de denúncia, presente na antologia, faz-se como extensão de uma vertente literária presente no cenário literário brasileiro desde o aparecimento de Luiz Gama, no século XIX, passando por Cruz e Souza, ainda no mesmo século. No século XX, a vertente literária assume expressões mais contundentes para expor as mazelas causadas pelo preconceito racial e pela discriminação, numa sociedade que se regula por padrões que engrossam a faixa de exclusão pela cor, pela situação social, quase sempre atingindo de forma mais perversa um mesmo segmento. Na mesma antologia, todavia, ao lado da denúncia

à segregação imposta à população mais pobre, acossada pela fome, violência e humilhação, aparecem poemas que recolhem costumes cultivados pelas camadas mais simples, como o da benzeção – “gosto da inocência dela: benze crianças,/faz simpatias,/reza sorrindo,/chora rezando – no poema “Minha mãe” (p. 66), de Geni Mariano Guimarães.

Uma outra antologia, lançada no ano de 1992, teve como organizadora a pesquisadora Zilá Bernd, do Rio Grande do Sul. Bernd é uma das grandes estudiosas da literatura negra brasileira e a antologia organizada por ela foi, durante muito tempo, obra de referência em cursos de literatura que assumiam a produção literária de escritores negros e afro-brasileiros. A antologia *Poesia negra brasileira* é dividida várias partes. Essas partes mapeiam, desde o século XIX, expressões significativas da literatura comprometida com a situação do negro no Brasil. Na parte relativa ao século XIX, a antologia registra alguns poemas do escritor e abolicionista, Luiz Gama, com os quais fica destacada a presença da poesia negra na fase pré-abolicionista. Cruz e Souza é o grande nome da poesia negra na fase pós-abolicionista juntamente com Lino Guedes que publicou suas obras na época do Modernismo, embora não tenha aderido ao movimento.

Na parte intitulada *Período Contemporâneo* a organizadora faz uma importante recolha de poemas de diferentes tendências da chamada “literatura de resistência” (p. 45). Nesta parte, a produção poética está dividida em itens denominados “Consciência resistente”, em que estão agrupados poemas de Solano Trindade; “Consciência dilacerada” que acolhe poemas de Eduardo Oliveira, Oswald de Camargo e Domício Proença Filho; “Consciência trágica” que resgata poemas dos escritores Cuti, Mirian Alves, Oliveira Silveira, Antônio Vieira, Paulo Colina e Abdias do Nascimento. Finalmente, a antologia apresenta poemas que aludem à posição de alguns grupos como o Quilombhoje, de São Paulo e Negrícia, do Rio de Janeiro, referindo-se ainda a outros poetas que desenvolviam, à época, na Bahia, uma poesia negra de resistência.

Tentando explicar que a “literatura negra” tem como um dos temas mais importantes a questão identitária, Zilá Bernd seleciona poemas em essa temática está sempre presente. Considera a obra *Trovas burlescas*, de Luiz Gama “um verdadeiro divisor de águas na literatura brasileira”, porque, em sua opinião “funda uma linha de indagação sobre a identidade” (p. 17). O poema que inicia a pequena seleção de textos do poeta baiano não é outro senão o “Quem sou eu”, em que o sujeito-lírico faz análise de suas virtudes (“Amo o pobre, deixo o rico”) e, ao mesmo tempo focaliza, com grande ironia, os males da sociedade baiana da época:

.....
os birbantes mais lapuzes
Compram negros e comendas,
Têm brazões, não – das Calendas,
E com tretas e com furtos
Vão subindo a passos curtos (p. 19).

Na seleção de poemas do Período Contemporâneo, a referência ao “Canto dos Palmares”, de Solano Trindade, salienta a visão do poeta sobre os feitos dos quilombolas, alçados da marginalidade “fora da lei” e cantados como heróis, a exemplo das epopéias clássicas. Como acentua a organizadora, este é um dos papéis da poesia de resistência que elege os “valores e mitos necessários à passagem do sentimento de identidade a uma verdadeira consciência identitária mediante a qual se elaborará uma auto-representação étnica e cultural positiva” (p. 45). Nesse sentido é importante ressaltar a intenção de Solano Trindade de construir uma epopéia – um canto às glórias de heróis – a exemplo da *Ilíada*, da *Odisséia*, de Homero e dos *Lusíadas*, de Camões. Vejam-se os versos em que o poeta, aludindo aos poetas do cânone universal, alia-se a eles, salientando no entanto que seu canto se mostrará como “um grito”, “grito de uma raça” que luta pela liberdade:

Eu canto aos Palmares
Sem inveja de Virgílio de Homero
E de Camões
Porque o meu canto
É grito de uma raça
Em plena luta pela liberdade! (p. 47).

O poema que dá título à fase denominada “Consciência dilacerada” é “Dionísio esfacelado”, do escritor e crítico Domício Proença Filho. O poema representa a tentativa do autor de escrever a epopéia do Quilombo dos Palmares e, assim, reforçar a luta do povo negro pela constituição de sua identidade. Na parte intitulada “Via sacra”, o poeta compara o sofrimento dos escravos africanos com o de Jesus Cristo, vendido por trinta moedas. A traição de Jesus e então comparada à ganância daqueles responsáveis pelo tráfico negreiro, pela transformação de homens em “homens-adubo”, logo destituídos de humanidade por sua transformação em coisa, em peça, como bem considerada a antrópologa Lílian Moritz Schwarcz (1996).

Apenas trinta dinheiros
Em São Paulo de Loanda
Apenas trinta dinheiros
A alma o corpo
Vendido
À Companhia holandesa
De Maurício de Nassau
Homens-adubo
Das terras plantadas
À beira-mar
Tanto mar
De sangue e mágoa
O sangue e suor
Da África para adoçar os dinheiros
Dos holandeses
De Maurício de Nassau. (p. 76/77).

Na configuração da parte denominada “Consciência trágica”, a organizadora chama a atenção para os recursos utilizados pelos poetas para expor as “agruras do povo negro”. Diferentemente de outros momentos em que a visão da estudiosa é bastante lúcida para perceber as estratégias utilizadas pelos afro-descendentes no Brasil para construir uma imagem positiva de um corpo sempre visto como “um corpo dilacerado”, percebe-se, nesta parte, uma maior dificuldade em lidar com a necessidade de se exporem as chagas, as feridas nunca cicatrizadas que, imageticamente, reconstroem um corpo negro marcado pela crueldade da escravidão.

Podem ser avaliados como peças de um grande mural em que se exhibe o “eu negro” três poemas do escritor Luiz Silva (Cuti) selecionados pela organizadora. Esses poemas são muito importantes para se compreender que a exibição dos sofrimentos impostos ao corpo negro, às vezes explorados de forma excessiva pela poesia negra de resistência, tem a intenção de chocar o leitor, de fazê-lo perceber determinados detalhes de um corpo sempre aprisionado pelo trabalho forçado, pelos instrumentos de tortura ou pelas agruras da fome e da doença. A exposição do corpo negro tem, portanto, nos poemas em referência, intenção de denúncia e de provocação. Por exemplo: os versos do poema “Sou negro” (p. 83) ressaltam, no corpo negro, detalhes que a visão preconceituosa da sociedade condena. A intenção é forçar o leitor a ver partes de um corpo que, por vezes, ele mesmo não quer enxergar porque elas estão no seu, ou porque ele as destaca no outro com a intenção de discriminá-lo:

Sou negro
Negro sou sem mas ou reticências
.....
Beijo
Pixaim
Abas largas meu nariz
Tudo isso sim
– Negro e pronto! – (p. 83).

No segundo poema da tríade, denominado “Eu negro”, a voz do sujeito-poético resgata não apenas imagens referentes ao corpo de um indivíduo determinado, mas também as que aludem, metafórica e metonimicamente, ao corpo do escravizado, do africano transformado em peça da engrenagem movida pelo sistema da escravidão:

Areia movediça na anatomia da miséria
Pano-pra-manga na confecção apressada da humanidade
Chaga escarnada contra o riso atômico dos ladrões
Espinho nos olhos do esquecimento feliz de ontem
Eu
Eu feito de sangue e nada
De amor e Raça
De alegrias explosivas no corpo do sofrimento e mágoa. (p. 84).

No terceiro poema, “O negro pronto”, é destacado com grande lucidez o processo de transformação do corpo submisso do negro em ação que desarticula a “humilhação” e o “cansaço”, substituindo-os pela “lucidez”:

O negro pronto
Está se fazendo sempre
Por ponto

Atento
Contra o jogo da humilhação e
Do cansaço

Chegando a ficar tonto
De tanta lucidez
Sem porre de talvez
Ou preguiça (p. 88).

Essa preocupação de perscrutar detalhes do corpo negro, do corpo do eu que se mostra no poema, está em muitos textos publicados pela antologia. Ver-se como um corpo fragmentado, em pedaços, aparece no poema “Compor, decompor, recompor”, de Mirian Alves (p. 94):

Olho-me
espelhos
Imagens
que não me contêm.
Decomponho-me
Apalpo-me.

A busca da identidade é, portanto, a expressão mais forte dos poemas selecionados por Zilá Bernd para compor a sua antologia. Essa busca está, no entanto, expressa no espaço da literatura e, por isso, ao se analisarem os poemas, é importante destacar as estratégias literárias que esses textos privilegiam, pois elas informam do trabalho com a linguagem e salientam modos de escrita que demonstram o modo como os escritores criam esteticamente modos de significar a exclusão e o preconceito.

A terceira antologia selecionada para análise foi organizada pelo escritor baiano Jônatas Conceição juntamente com Lindinalva Barbosa, militante do movimento negro da Bahia. Publicada em 2000, a antologia reúne poemas de vários escritores baianos, mas também abre espaço para a produção poética de autores nascidos em outras regiões do país. Muitos dos escritores selecionados pela antologia são autores de poemas e contos publicados em vários números dos *Cadernos Negros*, de São Paulo.

No prefácio desta antologia da pesquisadora Florentina Souza destaca o fato de a produção literária dos escritores negros ou afro-descendentes brasileiros constituir ainda “um circuito editorial alternativo” (p. 9). O título da antologia, *Quilombo de palavras*, quer homenagear essa produção literária, que, como afirma a prefaciadora, “de modo similar aos quilombos históricos, estrutura-se como símbolo da resistência e preservação cultural” (p. 9). A opção por um subtítulo denominado “A literatura dos afro-descendentes” indica uma diferença com relação às antologias já referidas, que optam pela expressão “poesia negra”. Qual a importância dessa nova denominação?

Conforme se discutiu, no início deste texto, a denominação “literatura negra”, ao procurar integrar-se às lutas pela conscientização da população negra, tem um papel importante na formação da identidade de grupos excluídos do

modelo social pensado por nossa sociedade e na reversão das imagens negativas que o termo “negro” assumiu ao longo da história. Já a expressão “literatura afro-brasileira” procura marcar as ligações entre o ato criativo que o termo “literatura” indica e a relação dessa criação com a África, seja aquela que nos legou a imensidão de escravos trazida para as Américas, seja a África venerada como berço da civilização. A expressão “literatura afro-descendente”, por outro lado, parece insistir na constituição de uma visão que se quer vinculada às matrizes culturais africanas, ainda que se queira outra; por isso procura traduzir as mutações inevitáveis que essas heranças sofreram no Brasil.

A antologia *Quilombo de palavras: literatura dos afro-descendentes*, ao reunir poemas de diferentes escritores da Bahia e de outras regiões do país e apresentá-los aos leitores, realiza mais um esforço para quebrar a invisibilidade a que estão submetidos, com raras exceções, os escritores afro-descendentes.

É importante destacar que, misturam-se, na antologia, poemas em que a questão identitária ainda é o tema mais forte, marcando-se mais fortemente a tendência da literatura de resistência com outros em que a memória e as lembranças de fatos do passado percorrem os espaços da intimidade dos enunciadores para trazer à escrita modos diversificados de apreensão do mundo. O poema “Diariamente” (p. 15), do poeta baiano José Carlos Limeira mistura imagens do cotidiano dos trabalhadores acossados pelo “relógio de ponto”, mas também pela necessidade de apresentação de documentos sempre que a polícia os exige, com o dia-a-dia vivido pelo negro. Os versos finais do poema aludem ao enfrentamento das ordens sociais, seguramente mais severas para os brasileiros de cor negra:

Me basta mesmo
essa coragem quase suicida
de erguer a cabeça
e ser um negro
vinte e quatro horas por dia. (p.15)

No poema “No nordeste existem Palmares”, Jônatas Conceição explora a sonoridades das palavras “palmeira” e “Palmares” para aludir aos “novos palmares” que crescem nos centros urbanos, “trazendo novas verdades” e recuperando, talvez, os sentidos que estão presentes na observação de um antigo viajante: “Palmeiras são símbolos de paz e sossego”. No poema, o trabalho com a sonoridade dos vocábulos também procura deslocar sentidos previstos, possibilitando ao leitor perceber que os novos “palmares”, transplantados para o nordeste, exibem “cabeças

trançadas” que enfeitam as paisagens quais palmeiras ao vento. O jogo semântico que fica explícito na aproximação dos termos “palmeira” e “Palmares” procura, poeticamente, povoar os bairros de “casebres e barracos”, com as leves brisas que “amenizam passadas febres.

A memória é cultuada em vários poemas da antologia. Constitui o tema mais forte dos poemas “Ilê Iyê/Casa da Memória” (p. 33) e Ilê Iyê/ Casa do Segredo (p.35-38), de Jaime Sodré. Os poemas descrevem a criação do mundo segundo a mitologia iorubá: o orixá Olorum, o que tem a forma das nuvens, o que é “NUVEM/VÁRIOS ROSTOS/VÁRIOS CORPOS/DIVERSAS FORMAS” (p. 36) preenche de vida o nada, o vácuo. Do gesto inaugural do deus Olorum nascem mares, terras e outros deuses que “saem todos” de Yemanjá, deusa mãe, rainha das águas, cujo corpo delinea os “espaços / ATLÂNTICOS/ÍNDICOS/MARES VERMELHOS/MARES DE SAL/MARES DE SEIXOS” (p. 36).

Em vários poemas, a figura do homem simples, do povo, é tema recorrente. O poema “O Zé”, de Ana Célia da Silva entrelaça aspectos da vida dura dos despossuídos:

Descendo a rua
Lá vai o Zé
Triste, cansado
Ele é o povo
Ele é o Zé.

Vive pensando
Que vai deixar
De triste herança
Para o futuro
A corda bamba
O barracão
Marmita vazia
Família sem pão. (p. 62).

A dificuldade vivida no dia-a-dia está também no poema “Todas as manhãs”, da escritora mineira, Conceição Evaristo, que vem cultivando uma escrita mais comprometida com o universo da mulher. O poema constrói-se com referências ao cotidiano dos pobres, arregimentando também alguns índices que apontam para heranças africanas que se fazem presentes em seus poemas: “Todas as manhãs junto ao nascente dia/ouço a minha voz-banzo,/âncora dos navios de nossa

memória.. A lembrança do passado marcado pelo escravidão, fica referido através dos sentidos produzidos pelos termos “banzo” e “navios”, e um recurso criativo utilizado de uma produção poética que brota da experimentação das inúmeras dificuldades vividas no dia-a-dia: “Todas as manhã tenho os punhos/ sangrando e dormentes/tal é a minha lida/cavando/cavando torrões de terra” (p. 100).

Também a escritora Esmeralda Ribeiro, de São Paulo, faz menção dureza do dia-a-dia a ser enfrentado por grande parte da população de afro-descendentes no Brasil. A dureza tanto pode estar na luta diária por vencer a pobreza que ronda a maioria das pessoas, quanto dizer da dificuldade ainda vivida pelos “brasileiros de cor”. (PEREIRA & WHITE, p. 259). No poema “Trocar de máscara”, a poeta alude e essas dificuldades:

Talvez temendo entrar na arena dos leões
eu esconda a coragem nos retalhos
coloridos da vida.
A pálida lua traz o sabor das provações
transformando o olho em ostra
Cismo: a pele em roupa não tem mais razões,
para ser trocada e assim
me recolho e me cubro com a mortalha
De anulações. (p. 151).

Como se pode perceber, os temas presentes em muitos poemas das antologias dizem respeito às dificuldades enfrentadas pelos negros, afro-brasileiros, afro-descendentes. Essas dificuldades são motivações para a produção literária de escritores que assumem a função social da literatura, ainda que não desconsiderem a importância de essa função estar sempre relacionada com o trabalho criativo. Em alguns poemas, como se viu até aqui, a intenção de denúncia e a proposta de resistência à exclusão é a intenção mais forte. Mas também já se mostrou que a denúncia e a resistência podem aparecer em outros processos criativos, principalmente através do aproveitamento de ritmos e de movimentos que são cultivados pelas camadas populares, nos guetos das favelas ou em espaços mais distantes dos grandes centros urbanos.

Abstract: This text analyses dissonant voices in contemporary Afro-Literature Brazilian paying attention to their aesthetic principles and thematic concern.
Key words: Afro-Brazilian literature, Dissonant Voices, Aesthetic Principles.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Miriam. Cadernos Negros 1: estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth. *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas/Mazza Edições. 2002. p. 221-242.
- BERND, Zilá (Org.). *Poesia negra brasileira*. Porto Alegre: AGE/IEL/IGEL, 1992.
- BERND, Zilá (Org.). *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- COLINA Paulo (Org.). *Antologia contemporânea da poesia negra brasileira*. São Paulo: Global Editora, 1982.
- CONCEIÇÃO, Jônatas; BARBOSA, Lindinalva. *Quilombo de palavras: a literatura dos afrodescendentes*. Salvador: CEAQ/UFBA, 2000.
- FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth. *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas/Mazza Edições, 2002.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes femininas em afrodições poéticas Brasil e África portuguesa. In: MARTINHO, Ana Maria Mão-de-Ferro. *A mulher escritora em África e América Latina*. Lisboa: NUM, 1999. p. 173-185.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Visibilidade e ocultação da diferença. In: *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. Ser peça, ser coisa: definições e especificidades da escravidão no Brasil. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; REIS, Letícia Vidor de Sousa. *Negras imagens*. São Paulo: EDUSP, 1996. p. 11-30.

